

Filme sobre irmãos Lumière mostra que o mundo pouco mudou

Mario Sergio Conti

Folha de S. Paulo, 16.jan.2026

Documentário agrupa uma centena de filmes dos inventores do cinema feitos entre 1895 e 1950

O passado não existe. O que existe são fragmentos do passado: textos, imagens, testemunhos. Os estilhaços não formam um todo, não recuperam o acontecido. Quatro versos de "Praia do Caju", de Ferreira Gullar, apagam a luz e dizem isso:

"O que passou passou.
Jamais acenderás de novo
o lume
do tempo que apagou."

Os filminhos dos inventores do cinema, os irmãos Auguste e Louis Lumière, são cacos do passado, momentos marcados pela morte: os seres humanos, vegetais e animais que aparecem na tela não existem mais.

O cinema não os traz de volta à vida, mas suas imagens fazem com que se imagine como eram. Como imagens fomentam a imaginação, o lume dos Lumière ilumina momentos para sempre perdidos.

Dos 1.428 filmes que os irmãos produziram em dez anos, 108 são mostrados no documentário "[Lumière! A Aventura Continua](#)", ora em cartaz. Desde que foram feitos, entre 1895 e 1905, nunca estiveram tão nítidos, pois que recuperados com tecnologia de ponta. E jamais foram tão pertinentes quanto agora, tanto no sentido estético quanto histórico.

Os filmes têm forma fixa. A câmera, instalada num tripé, fica imóvel. A duração é de 50 segundos, o tempo máximo permitido pela tecnologia da época. Não há cortes nem montagem, apenas uma sequência contínua, em branco e preto e muda.

São balizas que levaram os Lumière a inventar o que o cinema tem de essencial até hoje. Há um assunto: cavalos galopando; um trem chegando à estação; ondas batendo na proa de um barco; acrobacias; um esquete; crianças brincando. Há um ponto de vista: a câmera está perto ou longe do que filma, de lado ou de frente, acima ou abaixo da ação.

Com esses poucos elementos, os filmes flagram eventos cotidianos. Contemplam paisagens campestres e sobretudo urbanas. Encenam minidramas. Contam piadas visuais. Assinalam o que está próximo ou distante da plateia. O cinema mostra imagens em movimento desde que os irmãos franceses inventaram o cinematógrafo.

Seu primeiro filme foi feito há 130 anos. Ele mostra a saída da fábrica do pai deles, em Lyon, no dia 19 de março de 1895. O portão se abre e uma multidão caminha em direção à câmera, que os grava em celuloide, desviam-se, saem de cena. Banal? Longe disso.

Mulheres de chapéu e vestidos compridos dão-se os braços e riem. A pé ou de bicicleta, homens fingem não saber que estão sendo filmados, mas olham para a câmera. Um vira-lata perambula e um cavalo puxa charrete. São 50 segundos solares, misto de encenação fictícia e registro etnográfico.

Os Lumière compensam a fixidez da câmera com a mobilidade dos lugares onde são postas. De um vagão de trem captam a paisagem que passa. De uma barca, as margens do rio. Do alto de um ônibus —puxado por burros—, ruas e avenidas. De um balão, a Terra abaixo, como de um drone.

Há também movimentos geográficos. Os cineastas vão a Viena e Londres, a Nova York e Chicago. A Istambul, ao Cairo, à Indochina e ao Japão —o que altera o ponto de vista político. Se os europeus são tipos curiosos em trajes folclóricos, os asiáticos surgem como radicalmente estranhos, quando não inferiores: a França das Luzes, e do cinema, colonizava.

"Lumière! A Aventura Continua" tem o mesmo diretor, Thierry Frémaux, de "A Aventura Começa", de 2016. Mas não é uma sequência, pode ser visto isoladamente. Em ambos, a única cena atual é a da reencenação da saída da fábrica em Lyon. Ela é liderada por Martin Scorsese no primeiro, e agora por Francis Ford Coppola.

A interferência vital está na narração de Frémaux. Ela contextualiza as cenas e chama a atenção para figuras e ações ocultas. A palavra-chave é atenção. Num mundo saturado de telas, imagens violentas, simulacros, os 108 filminhos estão atentos às pessoas, seus afazeres e alegrias.

Contudo, o filme deixa ver que nem tudo era belo. São inúmeras as sequências com militares —treinamentos, paradas, uniformes. Involuntariamente, alude-se às guerras de então, a dos Bôeres, a Russo-Japonesa, a dos Boxers, a Hispano-Americana: disputas de territórios e mercados no auge do colonialismo e na aurora do imperialismo.

O belicismo chauvinista da Belle Époque confluiu para a [Primeira Guerra Mundial](#), a carnificina que acabaria com todas as guerras. Nesse aspecto, o mundo pouco mudou.

As armas e petardos acionados na [Ucrânia](#), em Gaza, no [Irã](#), na [Venezuela](#), quiçá na [Groenlândia](#), apontam para um passado cada vez mais presente. Talvez os versos de Ferreira Gullar tenham de ser mudados: o que passou não passou.